

Risco Brasil dispara 4,41% e sobe para 781 pontos

O indicador médio dos emergentes também avançou, mas a alta brasileira foi bem maior

Orisco país disparou ontem 4,41%, para 781 pontos, um movimento bastante influenciado pela forte alta dos juros dos títulos do Tesouro americano. O risco médio dos emergentes também subiu, mas a alta foi bem mais modesta, de 1,16%, para 522 pontos. Segundo analistas, o cenário político conturbado, principalmente devido às tensões ligadas ao sem-terra e aos sem-teto, e o compasso de espera em relação às reformas explicariam a maior pressão sobre os títulos da dívida brasileira. E ontem terminou o prazo de recebimento de ofertas para a troca de papéis da dívida renegociada em 1994, conhecidos como Bradies, por bônus globais em 2011 e 2024, que será concluída hoje. O governo também vai oferecer papéis que vencem em 2011 para captar recursos novos, sem envolver troca.

Os juros dos títulos do Tesouro americano de 10 anos pularam ontem de 4,28% para 4,43% ao ano. A rentabilidade em alta desses papéis, considerados extremamente seguros, tende a reduzir a demanda por títulos mais arriscados, como os de emergentes, afirma o economista Fábio Akira, do Banco JP Morgan. A questão é que o indicador brasileiro subiu bem mais do que a média dos emergentes. De meados de junho para cá, o risco Brasil avançou 14,18%, e o dos emergentes, 4,61%.

Nesse período, aumentaram as tensões envolvendo os sem-terra, houve o recuo do governo na proposta da reforma da Previdência e surgiram incertezas em relação ao reajuste das tarifas de telefonia. Isso explicaria a alta mais forte do risco brasileiro. Akira diz ainda que, como os papéis brasileiros subiram muito nos últimos meses, esses fatores levam parte

dos investidores a vender títulos como o C-Bond, com o objetivo de embolsar os ganhos recentes.

As estimativas dos analistas em Wall Street para o resultado da operação de troca de títulos da dívida variam, embora haja um consenso de que a participação dos detentores de C-Bonds será bem menor do que a dos que têm PAR e Discount Bonds (que vencem em 2024) pelos novos bônus globais com vencimento em 2011 em 2024. Para o governo brasileiro, o interessante é que a troca do PAR e do Discount vai liberar garantias lastreadas em títulos do Tesouro americano, que engordarão as reservas. A estrategista-chefe de dívida soberana de países emergentes do banco de investimentos Caboto, Siobhan Manning, estima que a operação envolvendo esses dois títulos deverá ficar próxima de US\$ 2 bilhões.

Segundo operadores, o fundo Oppenheimer trocaria sozinho US\$ 430 milhões em PAR e Discount Bonds. Alguns analistas mais cautelosos prevêem uma troca menos ambiciosa desses dois títulos, que atingiria entre US\$ 1 bilhão a US\$ 1,2 bilhão. Siobhan estima que a operação

dos C-Bonds deverá somar cerca de US\$ 500 milhões, havendo ainda uma emissão em dinheiro novo de US\$ 500 milhões.

O chefe de pesquisa para a América Latina da consultoria Ideaglobal, Ricardo Amorim, diz que a troca de C-Bonds é bem menos atraente. O papel, que vence em 2014, só pode ser substituído pelo bônus que vence em 2024, muito mais longo, portanto. Além disso, o C-Bond é o papel mais negociado entre os títulos emergentes. Ontem, o C-Bond caiu 1,97%, para 86,875% do valor de face. O preço mínimo do C-Bond na operação será de 88,50% do valor de face. O rendimento dos bônus com vencimento em 2024, por sua vez, vai ficar em 12,59%. (Sergio Lamucci, Fábio Alves e André Palhano)

**TROCA DE
TÍTULOS SERÁ
CONCLUÍDA
HOJE**